

Algo goza (e não sou eu)

Algumas reflexões sobre a satisfação

Ricardo Goldenberg

Algumas reflexões sobre a satisfação

Quando Lacan eleva a *jouissance* ao estatuto de conceito maior da psicanálise, em meados da década de 1960, desloca o centro da teoria, que estava localizado, até então, no desejo, e semeia uma confusão no seu ensino, da qual não se recuperam ainda, duas gerações passadas, nem seus alunos, nem seus leitores. Deixei a palavra escrita em francês porque os destinos da sua tradução replicam o problema conceitual da sua concepção. Em outro lugar, argumento que a tradução de *jouissance* para *gozo* resulta de uma operação de recalque acontecida na comunidade analítica. A função de tal recalque foi neutralizar a intenção de Lacan de transformar a *jouissance* num significante, estabilizando seu significado para ele se adequar à concepção naturalizada da palavra gozo em nossa língua. Neste artigo, dou um passo atrás, para abordar o tema desde a noção de *satisfação*, que lhe é anterior. Acredito, assim, estar lançando uma luz sobre os motivos de Lacan para construir este novo significante *jouissance*.

Palavras chave. Gozo, satisfação, pulsão, clínica psicanalítica.

Some reflections on satisfaction

When Lacan elevates *jouissance* to the status of the main concept of psychoanalysis, in the mid-1960s, he shifts the center of the theory, until then located in *desire*, and by doing so, creates havoc in his teaching. Since then, two generations of students and readers haven't yet recovered. I left the word *jouissance* unchanged because the fate of its translation replicate the conceptual problem of its inception. Elsewhere, I argue that the translation of *jouissance* for enjoyment (*gozo*) results from repression. The analytical community neutralized Lacan's intention to turn *jouissance* into a signifier, stabilizing its meaning in the usual naturalized fashion of common sense. In this article, I take a step back, to address the theme from the point of view of *satisfaction*, which comes before it. I believe to be shedding a light on Lacan's motives for building this new significant called *jouissance*.

Keywords. *Jouissance*, satisfaction, drive, psychoanalytic clinic

Nada na vida é tão caro quanto a doença ou a estupidez.

Freud

(I can't get no) satisfaction

The Rolling Stones

The piano has been drinkin', not me

Tom Waits

A sociedade edificada sobre a renúncia ao prazer é uma tese política, ainda que Freud não a pensasse como tal. Se, como afirma a metapsicologia, o espírito não aspira à realidade senão a satisfazer-se, o acesso à realidade confunde-se com o gerenciamento das pulsões, e *essa* é uma tese política. *O eu e o isso* refere-se à civilização como terra ganha ao mar libidinal. Note-se que o princípio de realidade não visa a abstinência mas a *verdadeira* satisfação —que o cara não se entregue a um logro, que não abrace a miragem, nem beije a alucinação. Seu objetivo não é a renúncia ao gozo, mas a persecução dos fins mais primários (leia-se: o prazer) por outros meios —chorar para mamar, em vez de contentar-se com chupar o dedo, imaginando o peito. Em todo caso, fantasia e realidade não estão em lados opostos, como se costuma dizer.

"Na noite seguinte àquele dia de fome escutou-se [a minha filha caçula] proferir excitada durante o sono, *Anna Feud, Er(d)beer, Hochbeer, Eier(s)peis, Papp.*" (Freud, 1900/1973, p. 427) A bebê dormente não faz o inventário dos objetos da necessidade, senão das *Delicatessen* proibidas pela "polícia sanitária da família", como se exprime Freud. Posta em cena onírica das iguarias retiradas de circulação pelo discurso familiar, organizador do vínculo social da menininha. O sonho pode ser um acontecimento governado pelo princípio do prazer, mas não está fora do campo da linguagem. As coisas nomeadas não são simplesmente uma lista senão uma declaração de bens subtraídos à satisfação. E a satisfação —menos da fome que da demanda— passa pelo Outro. Entre a realidade bruta das coisas e o universo do prazer, o *Lust-Ich*, está a linguagem (1). *J'ouis-sens* zomba Lacan, qual poeta concretista (2). Mas ao dizê-lo assim, não se afasta irremediavelmente de Freud? O seguimos, ou ficamos com Freud?

Sigamo-lo.

"Seu sonho mostra-lhe cumprida essa recusa do desejo. Ora, para que precisa de um desejo insatisfeito (Freud, op. cit., p.437)?" Se o segredo do sonho é que nele se cumpre um desejo, o segredo do desejo é que ele se realiza como insatisfação. "Todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas em *outra satisfação* —sublinhem estas duas palavras— à qual podem faltar [*faire défaut*], as mencionadas necessidades, digo (Lacan, 1972)." Aquilo foi ouvido no Seminário, em 1973. Ano de *O último tango em Paris*, de Bertolucci; *A comilança*, de Ferreri e *O império dos sentidos*, de Nagisa Oshima. E que diz esta frase que "meu Deus, ao acordar esta manhã, pus sobre o papel para os senhores (Lacan, 1972, op. cit.)"? Diz que não se trata de aplacar nem a fome nem a sede (3) —visto que "comida é pasto e bebida é água (você tem sede de quê?, tem fome de quê?) (Titãs, 1987)"—, ao contrário, são estas que resultam infectadas pelo vírus da linguagem. Isto não está dito aqui, mas está tão dito em outros lugares, que podemos acrescentá-lo sem demasiado risco. O que sim foi dito e transcrito é que as precisões da vida estão comprometidas numa *satisfação* de outra ordem.

A palavra é "satisfação", mesmo, e *não* se refere ao seu uso figurado em matemática: "dito de um valor ou magnitude: cumpre as condições expressas num problema e é, portanto, a sua solução (RAE)", derivado da sua conotação de *cumprir*, preencher certos requisitos ou exigências, e de *solucionar* um problema, dúvida ou dificuldade. De modo literal significa "fazer o suficiente" (*satis + facere*), e denota principalmente a *reparação* de um mal causado a alguém, e, por extensão, *desculpa* e *indenização*. Pode referir-se a *pagar* inteiramente uma dívida ou fazer uma obra que mereça o *perdão* de uma pena devida.

São suas conotações mais usuais as que nos interessam, como *acalmar* e sossegar as paixões da alma ou *saciar* um apetite, uma vontade. Também escutamos ali *desfazer* um agravo ou ofensa e *premiar* inteiramente e com equidade os méritos ganhos. Como verbo intransitivo, significa *agradar* e *comprazer*. Mas também, *vingar-se* de uma injúria: "Dar satisfação" é desculpar-se, e "obter satisfação", "voltar pela própria honra, vingando-se ou obrigando o ofensor a desfazer um agravo. Tranquilizar-se e convencer-se, com uma razão eficaz, da dúvida ou queixa que se tinha formado (Aurélio)."

Por onde vai Lacan para acessar essa "outra satisfação"? Pelo caminho do rei: no sonho, *algo pensa* (*ça pense*) mil coisas, e o faz linguisticamente, como cabe a qualquer pensamento. Isso tudo é bem conhecido. Onde está a novidade? A novidade está em que *este algo*, ao pensar, *goza* (*ça jouit*). Impõe-se perguntar, o que quer dizer "gozar", para Lacan? Antes, porém, estamos tão certos sobre o que quer dizer "pensar", para ele?

Em plena efervescência "revolucionária", pós-maio-de-sessenta-e-oito, provoca seus alunos dizendo que o pensamento poderia ser um afeto (Lacan, 1969). Um afeto! Antes tinha dito, na mesma

chave, que ele pensava com os joelhos, e depois localizaria a sede dos seus pensamentos nos músculos da testa. Está ironizando a nossa crença mór: somos animais racionais.

Isto, porém, não é de Lacan, sequer é de Freud. Já não denunciava Nietzsche, junto com outros (4), como ilusão, a suposição de que sou eu que penso? Aquilo não passa de uma hipótese. Pensamentos acontecem-me, impõem-se a mim, sem pedir licença. É num segundo tempo que "me" apropriado (ou não) deles. A regra fundamental do método psicanalítico consiste em suspender este controle secundário que torna os pensamentos "próprios", ou seja, apropriados ao conjunto de identificações em que o Eu (*moi*) consiste. O inconsciente, portanto, é a condição primeira e espontânea dos pensamentos em geral, que seriam acéfalos, isto é, "*sans je*", sem eu (Lacan, 1967).

O jogo, não sei como chamá-lo, automático?, dos significantes. A recombinação estúpida das letras do *DNA* que termina num câncer, dizia um amigo. (Eu tenho objeções a esta figura, porque as "letras" da dupla hélice são assim chamadas *depois* de ter aquela estrutura passado pela peneira da biologia molecular formalizada. Pressupõem, portanto, o significante e a linguagem). A novidade, então, parece ser que os significantes deixaram de ser pensados como uma máquina, como na época da leitura de *A carta roubada*, (Lacan, 1955; 1966, p. 13), e passaram a ser tratados como algo que goza.

Ora, que pode querer dizer que a linguagem não é um código morto com regras de composição, mas uma espécie de entidade, no limite da vida, como um vírus (mais tarde apelidade de "alíngua") e que, além do mais, goza? Se acrescentarmos: "em mim", caímos dentro de uma fantasmagoria que é tema da ficção científica há décadas. A idéia de uma intenção maligna que se apossa de nós, e nos dirige como marionetes. Mas a ideia de Lacan (1972) é que gozar significa "sem motivo", porque sim, gratuito. Na primeira aula de *Encore*, situando-o na contramão do noção de *usufruto*, do direito, diz que o gozo é aquilo que não serve para nada. Para nada de útil, já que, na perspectiva do desejo, ainda atende a uma vontade de satisfação, chamada em diversos lugares de "vontade de gozo" (Lacan, 1966 b, p.). Retirando-se a idéia de um querer, de uma teleologia, de uma conduta adequada a fins, o gozo é separado do desejo, e "alíngua" gera significações para nada, sem eira, nem beira. E voltamos ao puro funcionamento maquínico, só que, desta vez, sem função, sem sujeito e sem agente. Goza-se, estupidamente.

Escrevo sobre satisfação porque, quem diz "gozar" supõe que algo se satisfaz ali. É inevitável dar o passo teleológico e supor uma intenção, mesmo desconhecida para o agente, para qualquer conduta, por mais repetitiva, cega ou despropositada que pareça. Não estamos obrigados a dar esse passo. Mas ele foi dado, de modo implícito, no conceito de *inconsciente*, para o desejo, e de *isso*, para o gozo. Meu ponto aqui, porque é de "satisfação" que se trata, é: não existe conduta, mesmo resultando no horror ou no sofrimento mais extremos e até na extinção da vida, que deixe de comportar uma satisfação. Algo ali

se satisfaz. E o gesto teórico de Lacan, talvez seu modo de chutar o tabuleiro ainda uma vez, foi deslocar a noção de satisfação para a de gozo.

Recomeço, portanto, com uma observação metodológica. Quando uma crítica desloca, ao ponto de subverter, a interpretação canônica de um conceito (aquilo que se conhece, desde Kuhn, como "mudança de paradigma"), deve poder dar-se outra volta suplementária, retomando o conceito criticado para resituá-lo na nova legalidade teórica proposta, não simplesmente colocá-lo num *index* (5), ou retirá-lo de circulação por decreto, difamando-o. Isto se aplica à "satisfação".

Um breve desvio pelo conceito de *sujeito* impõe-se.

Para Aristóteles, os gêneros e as espécies são "substâncias segundas". Não existem realmente. O que de verdade existe são as denominadas "substâncias primeiras", os indivíduos concretos. Você, eu e o outro tigre de Borges (o que não está no verso) (Goldenberg, 2018). Se Platão começa pela essência abstrata —a idéia—, para depois chegar até as coisas, Aristóteles caminha no sentido contrário: começa com a substância primeira, concreta, sem conseguir realmente salvar o hiato que a separa das substâncias segundas, os conceitos universais.

É nas Categorias que tenta resolver o problema. A primeira delas, a mais fundamental, chama-se, precisamente, *ousia*. Diferentes interpretações dos textos resultaram em ela ter sido traduzida ora como "essência", ora como "substância", induzindo não poucos transtornos nos leitores de filosofia. Em todo caso, trata-se daquilo que faz de uma coisa *essa* coisa e nenhuma outra. Heidegger referia-se a ela como, por exemplo, "a mesidade de uma mesa".

O problema, para nós, psicanalistas, está na ambigüidade da relação, perceptível em diferentes textos, entre a *ousia* e o *hypokeimenon*, entre a substância e o sujeito. *Hypokeimenon* significa, literalmente, em grego, "posto debaixo". Aristóteles aborda o conceito dos pontos de vista ontológico, gramatical e lógico. *Ontologicamente*, é a matéria "enformada". A substância —*ousia*— com suas propriedades (seus acidentes). O sujeito da forma —*morphé*— seria a matéria —*hylé*—, assim como se diz, "o cabide do paletó" (o cabide seria o sujeito) (6). Do ponto de vista *gramatical* e *lógico*, é o suporte dos predicados que lhe são atribuídos (em "a mesa é redonda", "a mesa" é o sujeito da redondez). Em suma, a palavra *hypokeimenon* denota dois significados, um inerente, ou ontológico, e outro atribuído, ou lógico. De qualquer modo *trata-se*, pasmem!, do que *hoje chamariamos "objeto"* (a propósito, se o *subiectum* latino é uma tradução literal do vocábulo grego, *objectum* significa "posto em frente" (7)).

As palavras *sujeito*, *suporte*, *suposto* e *substância*, ainda que tenham conotações diferentes, por terem histórias diferentes, portam todas mais ou menos a mesma denotação: o que está embaixo, o apoio

de algo. Em todo caso, tanto para os gregos como para os escolásticos, sujeito denota passividade, recepção, suporte ou depósito, *jamaiz* ação, atividade ou agência, sentidos modernos da palavra.

Heidegger chama a atenção para o deslizamento medieval, que fez com que o (*x*) subjacente deixasse de ser apenas o suporte *lógico* dos predicados atribuídos, numa função do tipo $F(x)$, e passasse a estar dotado de uma *ousia*, de um recheio, de uma substância, enfim, de uma matéria, até converter-se finalmente no *ente*, a coisa concreta: "isso aí" (8). O ser, escreve Heidegger (2014), "designa a presença constante do que ali está; o que se mantém debaixo: *sub-stans* (*ousia*)".

Lacan dirá que esta suposição de um ser ou de uma essência na realidade, além (ou aquém) da fala [*parole*], transcendente ao suporte puramente formal do enunciado, resulta da operação da *fantasia*. Mas, isto só é abordável pelo discurso do psicanalista:

"[A psicanálise] descobriu algo que, em outros registros, se denomina *meios de produção* — de que?— *de uma satisfação*. Descobriu que existia algo articulável e articulado —algo que tenho esboçado, denunciado, como sendo montagens, e que não pode literalmente conceber-se de outro modo—, algo que *ela chama de pulsões*. E isso não faz sentido. [A psicanálise] só as apresenta como tais porque ali há algo de satisfatório. E vendo-as funcionar, constatamos que *isso implica numa satisfação*. Quando, amparada numa articulação teórica, [a psicanálise] denuncia num comportamento o funcionamento da pulsão oral, da pulsão anal, da outra, ainda, a escotofílica, ou da pulsão sadomasoquista (9), é precisamente para dizer que *algo se satisfaz ali*, algo que é óbvio que não podemos designar de outra maneira que não como o que está em baixo, um sujeito, um *hypokeimenon*, com a divisão que necessariamente resulta disso para ele, em nome da qual, ele não é ali outra coisa que não o sujeito de um instrumento em funcionamento, de um *organon* —termo empregado aqui menos com seu acento anatômico —prolongamento, apêndice natural, mais ou menos animado, de um corpo—, que no *seu sentido original*, aquele usado por Aristóteles em sua lógica, de aparelho, de instrumento. [...] Alguns *órgãos*, por outro lado diversamente ambíguos, difíceis de localizar nesse corpo, já que é demasiado evidente que alguns deles não passam de dejetos do mesmo, encontram-se postos nesta função de *suporte instrumental* (Lacan, 1968)."

Vamos quebrar esta longa citação do seminário *De um Outro ao outro*, proferido em março de 1969, começando com a observação de que, assim como se fala de uma economia política materialista, pode-se falar em psicanálise de uma economia libidinal (10). Mas, não nos termos de Freud, que a pensara mediante a biologia e a física mecanicista. A psicanálise teria descoberto os meios de produção... de uma satisfação! Interessa-me aqui Lacan *não* ter dito gozo. Os meios de produção em questão não seriam os do capitalismo, jogando no mercado objetos de consumo sem fim, mas os da estrutura, transformando

em desejáveis objetos para lá de inadequados em relação a uma função adaptativa qualquer. Estes meios de produção não podem ser descritos como "pulsões" inerentes aos corpos. O que vemos são montagens, tramadas pelas pessoas ("articuláveis e articuladas", diz, ou seja, significantes). Com que fim? Não se sabe, mas, visto que continuam a ser feitas, há de haver algo... ele não diz "prazeroso", algo que nelas ou através delas se satisfaz.

Em 2009, o artista belga Wim Devoye (2009), montou em Montreal a sua obra CLOACA No 5, com o mesmo logo de CHANNEL No5, o perfume preferido de Marilyn Monroe. Trata-se de uma máquina de fazer cocô. "Alimentada" com os restos do Café da galeria, ela reproduz toda a operação do aparelho digestivo humano, e entrega, como resultado, um pacotinho de cocô embrulhado a vácuo, com o logo de CLOACA impresso sobre ele, agora imitando o da Coca-Cola. Está aqui a função digestiva por completo purificada da pulsão anal. É a mesma que, em outro discurso, o da ciência, Pavlov já tinha realizado, ao isolar a salivação do resto do organismo, mediante o condicionamento.

CLOACA apresenta um corpo sem satisfação, de puro automatismo, como o que poderíamos imaginar num animal. A única satisfação que podemos conjecturar, relativa a esta montagem, está fora dela, no artista e no público. É neste ponto que Lacan introduz a cunha do gozo. Como "obra de arte", a montagem efetua a crítica do artista à sociedade de consumo, assim como a denúncia da estética como convenção arbitrária da moda em dado momento cultural. Isso responderia a pergunta "o que o artista quer?" Mas não esgota o que poderia haver ali de satisfação (ou de desgosto, que também poderia ser um motivo para ir até a galeria assistir) mais ou menos desconhecida, para ele, e para os que pagam para ver a instalação. Isso tudo passou a cair sob o conceito de gozo, subsumindo também a intenção que podemos supor no artista, de chocar as sensibilidades dos espectadores. Antes, era o conceito de desejo inconsciente que respondia por este movimento.

Voltando à descrição do discurso do psicanalista, feita em benefício dos seus alunos, cabe notar que Lacan está usando a palavra "sujeito" na sua acepção grega, não lacaniana. Seria prudente não esquecer isso ao considerar a sua proposta posterior (Lacan, 1972) de "traduzir" *ousia* por *objeto a minúscula*. Ao por a substância do lado do objeto, com efeito, a separa do sujeito, desarticulando o argumento aristotélico, que ele retomara um ano antes para tematizar o gozo como substância (Lacan, 1967) (11). Mas o que me importa enfatizar aqui é que os psicanalistas podem "escutar" pulsões no discurso dos seus pacientes, porque a psicanálise tem uma *teoria* das pulsões.

Neste ponto, ele acrescenta algo que me chamou a atenção. A psicanálise, diz, "denuncia num comportamento"... Como não somos psicólogos *behavioristas* ou cognitivo-comportamentais, mas

tampouco sociólogos, antropólogos ou *coaches*, precisamos concluir que se trata do *relato* de uma conduta. É o relato de uma conduta o que se interpreta em termos de pulsão.

Ilustro o que acredito entender do que Lacan disse, mediante o fragmento de um caso que trabalhei em outro lugar (Goldenberg, 2018). Um homem jovem sofre de ataques de diarreia sistemáticos que o impedem de locomover-se. Não se arrisca a fazer viagens longas, a chamar a namorada para sair ou a fazer apresentações de mais de cinco minutos no trabalho. Quase não sai de casa, por medo de que "o estômago", como ele o chama, o traia. São suas palavras, sente-se traído pelo corpo, e o nome do canalha que torna a sua vida miserável é "o Estômago". Escutá-lo me lembrou aquela fábula romana adaptada por Jean de La Fontaine, para enaltecer a monarquia, "Os membros e o estômago". Nela, a figura de rei de todos os membros, seus servos, é o estômago. Para manter o corpo / reino saudável, o estômago deve ser servido, já que ele distribui os nutrientes que recebe para todos. E viva a monarquia! É digno de nota que o moralista não tenha escalado o cérebro ou a cabeça para tal posto.

Acabo de descrever um comportamento, mas, a bem da verdade, trata-se da resenha de uma narração. É um fragmento de "associação livre", não o relatório de uma observação experimental. A única conduta à qual tenho acesso diretamente é quando precisa interromper a sessão para ir ao banheiro evacuar. Fiquei tentado de proibir a sua saída, mas não tive a coragem de pagar para ver o que aconteceria no caso de ele obedecer. Optei por comunicar-lhe que as sessões assim interrompidas terminariam ali. Variações do tempo lógico...

"Algo se satisfaz nesse comportamento", continua Lacan, e acrescenta: "é óbvio que isso que ali se satisfaz está situado debaixo da conduta, subjacente no sentido grego de *hypokeimenon*." Como disse antes, não se refere ao sujeito-agente moderno, mas tampouco ao lacaniano: intervalo suposto entre os significantes. *O sujeito em questão aqui é o suporte de uma satisfação anal*. Aquilo que supomos na base daquele funcionamento inercial, acéfalo, sem qualquer sujeito intencional, no sentido cartesiano de *ego*.

É este a que Lacan se refere, um instante depois, quando nota que *isso* que ali se satisfaz necessariamente o divide. É o sujeito, agora no sentido moderno, que resulta dividido por esta satisfação obscura. Dito de outro modo, enquanto me conta os problemas decorrentes da sua disfunção digestiva (que posso ou não qualificar de "pulsional"), o eu do paciente se divide. E por que se divide? Porque ali ele descobre *não* ser o agente de uma satisfação, mas o *paciente* desta.

A masturbação nos da a ilusão de sermos os agentes intencionais do prazer alcançado (*self abuse*, se diz em inglês, auto-abuso). Não é assim, mas, como a divisão não se percebe, podemos pensá-lo, e de fato o pensamos. No caso do denominado "intercurso sexual", também acreditamos manipular o prazer do parceiro e o próprio. Não é necessário que aconteçam lapsos do ato (impotência, ejaculação precoce ou frigidez) para verificar a manjada fórmula "não há relação sexual". O desejo em jogo nos divide a

todos, e os orgasmos alcançados só recuperam algo do narcisismo de modo parcial. O essencial não só é invisível aos olhos, como está perdido.

"[O paciente] descobre-se sendo o sujeito de um órgão", e isso não lhe causa o menor prazer. E *sujeito* aqui deve entender-se no sentido de súdito, servo: "o sujeito do estômago", assim como se diz, em francês, *le sujet du roi*, ou, em inglês, *subject to the king*. Ele é o suporte de algo que ali se satisfaz à sua revelia. Descobre-se, então, como sujeito de um órgão, mas não no sentido anatômico da palavra (inclusive porque se trata de uma disfunção intestinal, não estomacal), senão no de *organon*: método, manual, aparato, instrumento. É o sentido de Aristóteles. O neurótico é o instrumento do "seu" estômago. Este manda, ele, que tem juízo, obedece.

Depois de ter dito isso tudo, Lacan concede que sim, pode tratar-se de órgãos corporais, no sentido corriqueiro da palavra, mas nem sempre podemos reconhecê-los como tais; ao menos, não imediatamente, já que muitos deles são estranhos e difíceis de localizar no corpo anatômico. Quer dizer, pode tratar-se do estômago ou do rim, mas também pode ser uma bola no meio das costas, um brilho no nariz, ou aquelas lágrimas que insistem em chorar sozinhas nos momentos mais inoportunos.

A melhor ilustração do que Lacan parece dizer aos seus alunos a encontrei no filme de Cronenberg *Naked Lunch* ("Mistérios e paixões"). Um escritor escreve sem parar. Tecla impassível sobre uma velha Remington. Entretanto, depois de um tempo, vemos que em realidade está masturbando sua máquina de escrever, que não é mais um objeto inanimado senão um ser vivo. Um híbrido, meio máquina, meio organismo, palpitante, cheio de secreções, fluídos e mucosas, e que além disso, geme e treme, e fala e pede mais, e mais, ainda, até o clímax. O fundamental aqui é o seguinte: não é o escritor quem goza mas a Remington. É o instrumento, o órgão, não seu sujeito, quem se satisfaz. Este está dividido, por ter se tornado o sujeito, o suporte do instrumento. Percebem? É a fórmula da fantasia.

\$ ◊ a

NOTAS

- (1) Isso deveria servir para questionar a suposta anterioridade do *Lust-Ich* respeito da realidade. No capítulo seis de *Mais, ainda*, Lacan frisa que o primário pode não ser primeiro. A criança pequena demonstra o mais vivo interesse por tudo que a rodeia, muito antes de ter o menor acesso à linguagem articulada. Freud, sempre tão observador, parece ter sido logrado pela sua concepção teórica, quando afirma que o bebê é indiferente aos estímulos do mundo exterior. Pode parecer que digo que a realidade está dada desde antes da linguagem, e que acredito que é isso o que Lacan pensa. Então, não digo isso, nem acredito aquilo. Voltarei a esse ponto.
- (2) “Car ces chaînes ne sont pas de sens mais de jouis-sens, à écrire comme vous voulez conformément à l'équivoque qui fait la loi du signifiant” (Lacan, 1975, p.22). "Já que essas cadeias não são de sentido senão de jousiens..." Haroldo de Campos teria adorado esta palavra-valise feita de j'ouis (ouço), de Jouissance (gozo) e de sens (sentido). Toda uma epistemologia aqui! Parece meio sem noção citar isto, sem mais nem menos, como se explicasse alguma coisa. O que explica? Que tese está embutida neste embutido? Voltaremos também a isso.
- (3) Está escrito "*besoin*". Não se trata, pois, da categoria lógica do necessário, que seria "*nécessité*", mas das exigências ditas "naturais", as mesmas que configuram o ponto de partida de Freud, quando pensa o pulsional. Em outro lugar, Lacan comenta que os animais se alimentam direitinho por desconhecerem o prazer da fome. A isso, ao prazer da fome, ele denomina "gozo".
- (4) Nietzsche em *Além do bem e o mal*, #17. "A respeito da superstição dos lógicos, não canso de insistir sobre um pequeno fato que esses espíritos supersticiosos não reconhecem com facilidade: a saber, que um pensamento se apresenta quando 'ele' quer, e não quando 'eu' quero; de sorte que é *falsear* a realidade afirmar: o sujeito 'eu (*je*)' é a condição do predicado 'penso'. Algo (qualquer coisa) pensa, mas que esse algo seja justamente o antigo e famoso 'eu', está aí, para nos exprimirmos com moderação, uma simples hipótese, uma asserção, e de nenhum modo uma 'certeza imediata". Mas, também, Schopenhauer, em *Parerga II*. "Mas, as idéias não vem quando *nós* queremos, senão quando *elas* querem." E Rousseau, nas *Confissões*, livro 4, "As ideias vem quando lhes apraz, não quando me apraz".
- (5) Faço notar que o *index* da igreja católica, que se refere à lista de livros proibidos aos fieis, vem da imagem do dedo indicador dos teólogos censores, que apontam para livros que eles mesmos leram e que mais ninguém deve ler, para evitar os desvíos de doutrina que levam a possíveis heresias.
- (6) Pensar a pura forma, separada do conteúdo, é mais difícil para nós do que para os antigos gregos.

- (7) Em *Desler Lacan*, disse que a melhor ilustração do objeto é o carretel no jogo de *Fort-Da*, jogado pelo menininho frente ao Outro, como isca para seu desejo, talvez.
- (8) Agambem também trabalha lindamente este ponto, na trilha heideggeriana, quando se ocupa dos deícticos, no seu curso de 2006, "A linguagem e a morte".
- (9) É interessante notar que chama "sodomasoquista" à pulsão invocante, que gira em torno da voz, e que está na gênese do *supereu*.
- (10) Ainda os ecos do "maio francês", ou, como diz Lacan, dos "eus de maio"—*le(s) mois de mai*—, aludindo provavelmente aos estrelismos que a "revolução" universitária desencadeara.
- (11) No seminário *A lógica da Fantasia*, propôs construir o gozo como substantivo, do mesmo modo que Aristóteles elabora a categoria da *ousia* em sua metafísica.

BIBLIOGRAFIA

- DELVOYE, W. *Cloaca No5*. <https://hypescience.com/maquina-de-fazer-coco/> .2009
- DICCIONARIO de la Real Academia Española. <https://dle.rae.es/satisfacción>
- DICIONÁRIO Aurélio. <https://www.dicio.com.br/satisfacao/>
- FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tomo I. Madrid: Biblioteca Nueva. 1973.
(1900) "La interpretación de los sueños".
- GOLDENBERG, R. *Desler Lacan*, São Paulo: Instituto Langage, 2018.
- HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. São Paulo: Forense. 2014.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. 1962.
- LA FONTAINE J. De. (1679) <http://www.la-fontaine-ch-thierry.net/membgroi.htm>
- LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil. 1966.
a) "La lettre volée"
b) "Kant avec Sade"
- LACAN, J. *Le Séminaire*. Versão Staferla.free.fr.
(1954-55) Le moi <http://staferla.free.fr/S2/S2.htm>
(1967-68) *La logique du fantasme* <http://staferla.free.fr/S15/S15.htm>
(1968-69) *D'un Autre à l'autre*. 05/03/69. <http://staferla.free.fr/S16/S16.htm>
(1969-70) *L'envers de la psychanalyse*. 20/05/1970. <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>
(1972-73) *Encore*. 13/02/1973. <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>
- TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos bangelas*. 1987.
"Comida"